

RESENHA

## ENTRE O PERGUNTAR E O RESPONDER: PROBLEMATIZAÇÕES DIALÓGICAS FREIREANAS

Lilian Moreira Cruz<sup>1</sup>

O livro “Por uma pedagogia da pergunta” foi escrito por Paulo Freire e Antonio Faudez em 1985, através de um intenso diálogo realizado por ambos num encontro que ocorreu em Genebra, na Suíça. O desejo de escrever este “livro falado” nasceu em 1978 e culminou numa produção intelectual coletiva entre os autores ora citados. A obra traz um estilo leve e livre de escrita, de modo que apresenta, por meio de narrativas, os relatos das experiências vividas no período que os autores ficaram exilados na África e na América Latina.

O livro não está dividido em capítulos, como os livros tradicionais, está estruturado no decorrer de suas páginas com uma variedade de perguntas e respostas, bem como problematizações que permitem ao leitor o conhecimento da trajetória histórica de dois educadores adeptos de uma pedagogia libertária. No diálogo entre Freire e Faudez, fica claro que, apesar de terem vivido a experiência do exílio, os autores não foram marcados pela mágoa e/ou pela tristeza, pelo contrário, se sentiram desafiados cotidianamente a se reinventar num contexto adverso. Nas primeiras páginas, apontam que não existem apenas aspectos negativos do exílio, mas:

Ele pode constituir-se também num ensaio de profunda riqueza, de profunda criatividade, se, na briga pela sobrevivência, o exilado consegue um mínimo de condições materiais, aí, a questão que se coloca é a de saber se somos capazes de apreender os fatos em que nos envolvemos no exílio, ou não, para então aprender deles (FREIRE; FAUDEZ, 1998, p. 8).

O exílio foi visto como uma ruptura da rotina do cotidiano, um momento oportuno de superação do negativismo e de luta para modificar a realidade, o que exigiu enxergar o

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Mestra em Educação em Ciências e Matemática pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Professora Assistente da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Infantil/UESC. E-mail: [lmacruz@uesc.br](mailto:lmacruz@uesc.br). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4686-5803>.

mundo, compreendê-lo criticamente e retirar todo aprendizado possível. Em suma, o exílio é lugar de se permitir ser, crescer, modificar, criar, construir, renovar, desafiar, entre outros.

É válido salientar que Freire e Faudez (1998, p. 10), nos chama a atenção para o fato que “ninguém se exila por opção”, então, diante desta circunstância, temos o caminho de superar a negatividade por meio da apreensão e aprendizagens positivas, caso contrário “fencemos no exílio” (FREIRE, FAUDEZ, 1998, p.11).

Freire nos provoca a refletir que nos dias difíceis, o importante é viver, não sobreviver. Posto isto, é necessário se abrir para o diálogo, se permitir uma escuta carregada de sensibilidade e reflexão. “O interessante do diálogo é que ele está carregado não só de intelectualidade, mas também de emoção, da própria vida” (FREIRE, FAUDEZ, 1998, p.12). Quando nos isolamos das pessoas, do mundo e da vida, perecemos. Não progredimos no isolamento, é na relação com o outro que nos constituímos como seres humanos, tomamos conhecimento da diversidade cultural, das mais variadas formas de pensar, agir, viver do outro.

É nessa entrega, segundo Freire, que aprendemos a ser tolerantes. “A tolerância não significa de maneira nenhuma a abdicação do que te parece justo, do que te parece bom e do que te parece certo. Não, não, o tolerante não abdica do seu sonho pelo qual luta intransigentemente, mas respeita o que tem sonho diferente do dele” (FREIRE, FAUDEZ, 1998, p.15). Ser tolerante implica numa sabedoria para conviver com as múltiplas formas de ser, sem julgamentos e sem imposições.

Nessa perspectiva, Freire e Faudez se abriram para viver a experiência do exílio que começa no Chile, sobremaneira retirou as aprendizagens necessárias para as posteriores andanças por outros países, como os Estados Unidos. A caminhada ficou mais leve à medida que buscaram compreender e respeitar o ser humano na sua multiculturalidade, o que exigiu deles uma adaptação ativa, para conseguir respeitar os momentos de cada pessoa, a hora de silêncio, a hora de algazarra, a hora do diálogo e a hora da escuta, visto que “conviver com a cotidianidade do outro constitui uma experiência de aprendizado permanente” (FREIRE, FAUDEZ, 1998, p.16).

A experiência do exílio tira o sujeito da própria cotidianidade e permite experimentar da cotidianidade de outras culturas, outros povos. Freire adverte “No momento, porém, em que deixamos o nosso contexto de origem e passamos para o outro, a nossa experiência na cotidianidade se faz mais dramática. Tudo nela nos provoca ou pode provocar. Os desafios se multiplicam, a tensão se instala (FREIRE, FAUDEZ, 1998, p.16). Dessa maneira,

consoante os autores, reside aqui, a necessidade de adaptação ativa e reinvenção de uma nova rotina, de modo que, seja grato pelo acolhimento, pela estadia, pela receptividade de outros lugares que não seja o seu de origem.

Faudez analisa a visão de Freire sobre a cotidianidade e discorrer que “[...] exílio não é simplesmente um problema de ruptura epistemológica, emocional, sentimental ou intelectual ou mesmo política; é também uma ruptura da vida diária, de gestos, palavras, de relações humanas, amorosas, de relações de amizade, de relações com os objetos” (FREIRE; FAUDEZ, 1998, p.16). Isso implica se abrir para o novo, se permitir outras relações, outros comportamentos, atitudes, gestos, linguagens, etc. O importante é não se fechar, mas estar disposto a explorar as possibilidades de crescimentos na adversidade, retirar o proveito da inserção de diversos contextos, seja cultural, social, político, econômico, histórico, entre outros mais.

Os referidos autores esclarecem a dificuldade dessa entrega, o cansaço que sente, o desânimo, os mais variados sentimentos que afetam o corpo, entretanto, são nestas situações que devemos fazer o exercício de se olhar e perceber como ser que existe num mundo e pode atuar nele, que pode aprender e ensinar cotidianamente, todavia é preciso, muitas vezes, fazer rupturas com crenças, valores, comportamentos, discursos que não cabem mais no presente. “Acredito que aprendemos, através das rupturas, que, a grande lição da vida está em que a vida é uma corrente de rupturas, uma ruptura que precisa ser destruída, para ser superada, e essa nova ruptura tem de ser superada por uma outra ruptura” (FREIRE; FAUDEZ, 1998, p.19). O mundo está sempre em mudança, então a ruptura é fundamental para impulsionar o ser humano ao crescimento.

O crescimento se dá no processo da tomada de consciência, é o despertar para enxergar as relações de poder, o lugar de opressor/a e oprimido/a na sociedade, de explorador/a e explorado/a, assim compreender a ideologia dominante e combatê-la. Posto isto, Freire sugere o caminho da resistência para esse rompimento.

Deste ponto de vista, Faudez ressalta que a alfabetização ou a educação popular é uma alternativa para lutar e resistir. De fato, o conhecimento é a arma mais poderosa para o processo de conscientização da população, dessa maneira, poder avançar de uma consciência ingênua para uma consciência crítica do mundo, o que implica assumir que a educação não é neutra, ela é marcada por politicidade.

Neste aspecto, os autores apresentam a necessidade de incentivar o diálogo, o desenvolvimento da criatividade e do senso crítico durante a formação do indivíduo, visto que, tanto docentes, quanto os/as estudantes aprendem. Evidentemente, neste contexto:

A curiosidade do estudante às vezes pode abalar a certeza do professor. Por isso é que, ao limitar a curiosidade do aluno, a sua expressividade, o professor autoritário limita a sua também. Muitas vezes, por outro lado, a pergunta que o aluno, livre para fazê-la, faz sobre um tema, pode colocar ao professor um ângulo diferente, do qual lhe será possível aprofundar mais tarde uma reflexão mais crítica (FREIRE; FAUDEZ, 1998, p.23).

Ao analisarmos a fala dos autores, podemos constatar que um o/a professor/a não pode ter restrição ao diálogo, pelo contrário, precisa conceber o diálogo como fonte de crescimento intelectual de discentes e docentes, possibilidade de questionamentos e de construção de uma identidade política e filosófica. Entretanto, isso requer uma aula democrática, longe do autoritarismo, mas com rigor científico. Freire expõe “A democracia e a liberdade não inviabilizam a rigorosidade. Pelo contrário, viver autenticamente a liberdade implica aventurar-se, arriscar-se, criar” (FREIRE; FAUDEZ, 1998, p.23). Nessa perceptiva, a busca pelo conhecimento será um processo permanente na prática docente, para contemplar os mais variados diálogos e possibilitar a aprendizagem interativa.

Faudez acredita que na dinâmica do diálogo, o/a estudante tem que saber perguntar e o papel do/a docente é incentivar em sua prática profissional uma pedagogia da pergunta, visto que, no cotidiano de uma sala de aula seja possível suscitar a curiosidade. “Tenho a impressão (e não sei se você concorda comigo) de que hoje o ensino, o saber, é resposta e não pergunta (FREIRE; FAUDEZ, 1998, p.24). Ao concordar com a afirmativa de Faudez, Freire acrescenta que há castração da curiosidade desde a infância, e mais, problematiza as práticas educativas engessadas, que não permite o/a aluno/a a desenvolver suas potencialidades. Geralmente, essas práticas contribuem para construção de uma sociedade alienada e reprodutivista, pois inibi ímpeto ontológico criador do ser humano.

O processo de ensino e aprendizagem é dinâmico e não estático, de maneira que todos/as envolvidos têm a possibilidade de aprender, destarte, deve ser democrático, para que seja possível perguntar sem medo, mas com ousadia e respeito as diferentes formas de aprender. Freire ressalta “Um educador que não castra a curiosidade do educando, que se insere no movimento interno do ato de conhecer, jamais desrespeita pergunta alguma” (FREIRE; FAUDEZ, 1998, p.25). Este perfil de profissional docente assume um compromisso na formação de estudantes autênticos, criativos, críticos e conscientes da própria

existência no mundo, dito isto, Freire insiste na necessidade de “estimular permanentemente a curiosidade (FREIRE; FAUDEZ, 1998, p.27) e romper com a pedagogia da resposta, o que implica na adoção de uma pedagogia da pergunta nas práticas progressistas educativas, bem como, engajamento político e busca permanente pelo saber científico.

Esse tipo de postura profissional viabiliza uma prática educativa que contemple a uma formação para a vida, isto é, a compreensão da realidade concreta e as possibilidades de transformações sociais emancipatórias. A esse respeito, os autores acreditam que o conhecimento científico traz um ciclo permanente de aprendizagem e estimula o sonho. “Na verdade, pensar sobre o intelectual e o seu papel, sua prática inserida numa prática maior, a social, nos leva necessariamente a refletir sobre o seu sonho, que é político” (FREIRE; FAUDEZ, 1998, p.35). Um sujeito intelectual sonha, busca, transforma, questiona, luta; partindo dessa premissa, notamos a importância de estimular os sonhos e a busca pela intelectualidade das classes populares e das classes trabalhadoras, de maneira que, o sonho possibilita colocar o sujeito em movimento pela sua concretização e melhoria das condições de vida. Para Freire:

O papel do intelectual é construir esse sonho possível junto às massas, descobrindo essas resistências culturais das massas, que em última instância são vislumbres de uma nova sociedade, são vislumbres de sonhos possíveis. Portanto, a origem desse sonho possível deve estar ligada a uma participação fundamental das massas para que construa na teoria e na prática o sonho possível (FREIRE; FAUDEZ, 1998, p.35).

Como dois intelectuais críticos, Freire e Faudez, construíram sonhos no exílio e assumiram o posicionamento a favor das classes populares. Destarte, vislumbraram, lutaram ativamente por uma sociedade consciente e utilizaram o conhecimento como ferramenta principal. Em suma, a participação popular de ambos foi fundamental para uma análise crítica e minuciosa da sociedade, das relações de poder, dos processos de exclusão e exploração social.

A andanças dos autores pelo mundo possibilitou enxergar o/a professor/a como um intelectual que tem responsabilidade político-pedagógica numa sociedade. Deste ponto de vista, sugerem a necessidade do/a docente ter sensibilidade histórica para compreender o ser humano no seu inacabamento e na sua incompletude, noutras palavras “Quer dizer, essa capacidade de prever, de antever, quase de adivinhar, que aprendemos com a prática também, se estamos abertos a este aprendizado” (FREIRE; FAUDEZ, 1998, p.38). Então, não há neutralidade nas práticas profissionais de um/a professor/a, essa visão exige uma análise

constante das escolhas dos conteúdos, das metodologias de ensino, dos discursos e práticas educativas.

A questão que se coloca na recriação da educação, na etapa da transição revolucionária, não é só a de apresentar aos educandos os conteúdos programáticos de uma forma competente, mas, competentemente também, refazer esses conteúdos com a participação das classes populares, superando-se igualmente o autoritarismo no ato de “entregar” os conteúdos ao educando (FREIRE; FAUDEZ, 1998, p.49).

Evidentemente, neste contexto, a educação é política e implica saber fazer escolhas favoráveis e propor uma práxis da transformação da realidade, para diminuir a desigualdade social, começando a respeitar a diversidade cultural e social existente. As proposições dos autores revelam esse caminho a partir de uma prática educativa dialógica, é no processo de escuta e da pergunta que se constrói uma sociedade aberta. “Em suma, retornamos à posição de que a sociedade deve ser uma sociedade de diálogo, de participação total, uma sociedade em que cada um tenha uma parcela do poder e a soma de parcelas do poder constitua o poder como tal” (FREIRE; FAUDEZ, 1998, p.51). Este tipo de sociedade o poder é circulante, não está centralizado num lugar ou pessoa, o poder está em movimento e em prol do bem comum de todos.

Ao finalizar a leitura do livro é possível perceber uma variedade de problematizações dos autores no decorrer do diálogo, todas direcionadas para as experiências vividas e as aprendizagens adquiridas em diferentes contextos. Freire e Faudez se permitiram viver exilados do país de origem, num movimento de ação, reflexão e transformação pessoal, intelectual e profissional. Travaram uma verdadeira luta interior para ser mais humanos, mais humildes, mais esperançosos, enfim, para se reinventar e florescer na adversidade.

## Referência

FREIRE, Paulo; FAUDEZ, Antônio. **Por uma pedagogia da pergunta**: São Paulo: Paz e Terra, 1998.

Recebido em: 09 de abril de 2021.

Aprovado em: 16 de junho de 2021.